

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

Não se devolvem originais quer sejam ou não publicados

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETARIO

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números — No concelho de Tavira . . 8\$00
» » » » — Para outras localidades . . 9\$90

Composição e Impressão

Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

O "Povo Algarvio"

completou

um quarto de século de existência

Vinte cinco anos de labor, um quarto de século de existência, completou o «Povo Algarvio» no passado dia 27 do corrente.

Num já longo período de vinte cinco anos tem sido, em cada semana que passa, o porta-voz deste concelho taviense na defesa dos seus mais lídimos interesses.

Por Tavira e pelo Algarve tem sido sempre o seu lema e, muito embora remando às vezes contra a maré, no mar encapelado do destino, cá vai singrando indiferente aos esgares sarcásticos dos que nada produzem e aos daqueles que põem os seus interesses pessoais acima dos da colectividade. O nosso trabalho modesto, a nossa desinteressada colaboração, algo de proveitosos têm sido para o concelho em muitas emergências que não interessa agora enumerar.

Apesar do natural somatório de dissabores e ingratidões que forçadamente tivemos que encarar na nossa já longa carreira, sentimo-nos todavia alentados a prosseguir, levados por um ideal mais nobre: o de servir a nossa terra.

São pesadas as dificuldades com que lutamos para manter este baixel que num dia primaveril, insuflados pela chama ardente da mocidade, lançamos aos quatro ventos, crenças do carinho dos nossos conterrâneos e comprovincianos.

Continua na 2.ª página

A nova Comissão Distrital da União Nacional

Foi empossada a nova Comissão Distrital da União Nacional, que ficou assim constituída:

Presidente, sr. Dr. José Ascenso, Reitor do Liceu de Faro e Governador Civil substituto; Vice-presidente, Dr. Luís dos Inocentes Afonso; Vogais, srs. Dr. Silvino Augusto Leitão, Bento Viegas Louro e Drs. Angelo Guerreiro Delgado, Jaime Augusto Boulain Fogaça e Francisco Dias Cavaco.

TAVIRA TURÍSTICA



O Rio Gilão beijando a Veneza Algarvia

Comemorações

do 28 de Maio

Conforme noticiámos, a Comissão Concelhia da União Nacional, em colaboração com a Câmara de Tavira, levou a efeito as comemorações do 28 de Maio.

De manhã, uma salva de 21 morteiros anunciou a data festiva e às 11 horas, na igreja de Santa Maria do Castelo, celebrou-se missa, à qual assistiram as entidades oficiais.

A tarde foi preenchida com a inauguração dos edifícios escolares da Corte António Martins, de Cabanas e de Cachopo.

A noite, na Cantina do Bairro dos Pescadores, em Santa Luzia, realizou-se um jantar de confraternização nacionalista, servido pela Pensão Arcada, desta cidade, ao qual assistiram cerca de 50 convivas.

Aos brindes usaram da palavra os srs. Manuel dos Santos Prado, José Emídio Fernandes Sotero, António Silva, prof. José Joaquim Gonçalves, João Aldomiro de Sousa e, a encerrar, o sr. Dr. Jorge Correia, presidente da Câmara de Tavira.

Fizeram-se calorosas afirmações nacionalistas, tendo os oradores sido muito aplaudidos.

No final elevaram-se muitos vivas a Portugal e aos srs. Presidentes da República e do Conselho.

Por unânime deliberação da assembleia foram enviados telegramas de saudação aos srs. Presidentes da República e do Conselho, Ministro do Interior e Governador Civil de Faro.

Tavira marcou assim, mais uma vez, a sua posição nacionalista.

Banco Ultramarino

Segundo fomos informados, será transferido por estes dias, a seu pedido, da agência do B.N.U., desta cidade para Lisboa, o nosso amigo sr. Miguel Fortuna.

Dentro em breve abandonará portanto Tavira, este distinto funcionário bancário que durante alguns anos com muita competência e zelo exerceu as suas funções nesta cidade.

Igualmente tivemos conhecimento de que passará a desempenhar as funções de gerente um taviense, e também nosso amigo sr. José Emídio Fernandes Sotero, que há já tempo vinha desempenhando com muita proficiência, as funções de guarda-livros daquele estabelecimento bancário.

Felicitemos o sr. José Emídio Fernandes Sotero pela sua nomeação e a ambos desejamos portanto muitas prosperidades no desempenho dos seus novos cargos.

Trezena de Santo António

Inicia-se amanhã a tradicional trezena de Santo António, na sua igreja da Atalaia.

ALMA ALGARVIA

In-memorian do Poeta Taviense ISIDORO PIRES

TUDO dança na roda viva do baile algarvio — a Maria mais o «Manel» e o harmónio que parece incontido nas mãos do tocador, em gestos de contorcionismo, como a querer-se

livrar para saltar ao terreiro por uma moça, também. E o Algarve não tem sossego nessa hora em que o baile

lembra um «hula-hoop» e a província inteira roda no círculo vicioso do seu folclore — moinho de vento, em que cada saia de rapariga é uma vela entufada, abrindo-se na loucura centrífuga do rodar, como flor primaveril desabrochando aos beijos quentes do Sol. Como se bailasse sobre rolagentos esféricos, cada par representa um pequeno mundo de dois hemisférios inseparáveis, unidos para o destino do seu temperamento. E os mundos dessas pequenas esferas dançarinas vão rodando como um imenso carroussel — como figurinhas de cerâmica na montra giratória do terreiro, aos olhos do povo.

O seu rodar é mais vivo e mais dinâmico que o de outras danças. No seu sentido de rotação há horas por cada minuto do fuso horário dum minueto ou duma valsa... Diferente do ballet de Tchaikowsky, de Debussy, Weber, Falla, Poncielli e Sôirt, em que a diva sai das mãos do bailarino, escorregadia, como hélice projectada no eter, rodando em torno de si própria,

Continua na 5.ª página

TROVA

Lá por ser pobre e tu rica,
Não me queiras desprezar!
O que é do mundo cá fica,
Quando a morte nos levar.

Isidoro Pires

Um caso de Turismo...

INSULTO A TAVIRA!

FUI há dias chamada a nossa atenção sobre um enfermeiro programa de excursão da Empresa Isidoro Duarte, Ld.ª, de Lisboa,

se perpetavam estes aulidos tópicos à nossa cidade:

«Tavira (pequena paragem). É uma pequena cidade adormecida à margem do Gilão.

É triste e pouco movimentada».

Propagandista que assim escreve não é propriamente o que se chama agora um «chavão».

Pelo menos a promessa de que os seus carros levam as vítimas a lugares de rédio, não abona grande rasgo de inteligência comercial, a menos que não queira andar com muita gente às costas; seja como for, como propaganda anti-turística, é do melhor que se tem visto.

Muito mais eficaz que Cipião, este sanhudo agente do turismo português arrazou uma cidade em três penadas.

Destarte, num abrir e fechar de olhos pulverizou o castelo e as muralhas da cidade; fez em cacos o «Milagre» da igreja de Santo António, preciosidade única no país; entulhou to-



Um recanto do Jardim de S. Francisco

em colaboração com a Agência de Viagens Rodarte onde

Monumento ao Poeta

Isidoro Pires

Subscrição

Transporte	20.957\$50
Um anónimo - Vila Real de Santo António	50\$00
José Epifânio Martins - Colares	20\$00
Um anónimo - Tavira	20\$00
Joaquim do Carmo - Ambriz	20\$00
Faustino Nobre - Tavira	20\$00
A transportar	21.087\$50

A Comissão Executiva do Monumento ao poeta acaba de ter comunicação do escultor Raúl Xavier de que se encontra concluído o trabalho de moldagem em barro.

Propositadamente deslocaram-se ao seu atelier para apreciar a obra os seus velhos e queridos amigos nossos conterrâneos srs. Dr. José Ascensão Contreiras, distinto médico hidrologista e o Professor Eduardo Pavia de Magalhães que se fizeram acompanhar do sr. Major Mateus Moreno, ilustre Presidente da Direcção da Casa do Algarve.

O arquitecto Raúl Xavier, autor do interessante projecto do pedestal para o monumento, já enviou todos os elementos necessários para a execução do mesmo, cuja obra de construção a cargo do canteiro algarvio mestre Joabum Dias Rato, se iniciará já na presente semana.

A Comissão lembra a todas as pessoas que desejem contribuir para esta manifestação de apreço podem fazê-lo na Redacção do «Povo Algarvio».

Igualmente agradece a resposta daqueles a quem foram enviadas circulares e ainda não se dignaram dar uma resposta.

O escritor e jornalista

Manuel do Nascimento

visitou o Algarve

Em serviço da excelente revista «O Mundo», esteve no Algarve o escritor e jornalista algarvio sr. Manuel do Nascimento, que aqui veio fazer uma reportagem sobre as aspirações de diversas localidades.

Igualmente entrevistou várias pessoas a fim de colher opiniões sobre «O papel da mulher na sociedade actual», tema de um interessante inquérito promovido pela revista «O Mundo».

A Manuel do Nascimento, que tivemos o prazer de abraçar na nossa Redacção, desejamos muitas felicidades na sua carreira literária e jornalística.



O lindo pórtico do Convento das Freiras

do o formoso Séqua e as Quatro Águas; pôs de pantana o artístico pórtico renascença da Misericórdia e a sua colecção de azulejos antiquíssimos e de incalculável valor; secou os Moínhos da Rocha; fundibulou a correctíssima ogiva de Santa Maria, o donairoso pórtico das Freiras e as capelas góticas de S. Francisco; ao milagre de elegância das janelas

Continua na 2.ª página

Homenagem ao saudoso

Pintor Lyster Franco

O jornal «Ecos de Belém», sugeriu a ideia de ser dado o nome do Pintor Lyster Franco a uma das ruas do Bairro de Belém, iniciativa que foi secundada pela Casa do Algarve e que registamos com muito apreço.

Achamos justa tal consagração que entusiasticamente aplaudimos.

Quando da morte do saudoso Mestre-Pintor, que tantos quadros lindos pintou sobre este algarve que tanto amou e enalteceu, lançamos a ideia de que a uma das artérias de Faro, sua terra adoptiva, onde repousam seus restos mortais, fosse dado o nome do saudoso mestre, como prova da homenagem e reconhecimento ao artista e escritor que lhe dedicou as mais belas páginas da sua vida.

Uma justa consagração feita em Belém, sua terra natal, de forma alguns pode fazer esquecer aquela de que lhe é devedora a sua terra adoptiva.

Mais uma vez, a que fica expressa a nossa ideia.

Um caso de Turismo!

Continuação da 1.ª página

manuelinas da Travessa de D. Brites, fé-lo em estilhas; carbonizou toda a frondejante Mata da Conceição; mandou ao diabo a torre do relógio e tritrou os vetustos edifícios dos antigos conventos; cindiu a velhíssima ponte romana; alcantilou a sereníssima e arborizada praia; fez em torresmos ignóbeis as faustosas e profusas talhas de S. Paulo, do Carmo, de S. Francisco; charruou seis lindos jardins; comeu o mimo do Posto Agrário; incinerou um revesturário riquíssimo de raros brocados e paramentos litúrgicos; submergiu os quartéis das armações de pesca e com eles a mágica dos copejos de atum; proibiu os tranquilos e extasiantes passeios fluviais entre a rumorosa romaria de infantes canaviais e o perfume de mil laranjeiras; da luz e pitoresco extraordinários dos belos recantos e prospectivas, dos largos horizontes, do casario tumultuoso a escalonar-se em suaves colinas espelhando-se no rio, faz táboa rasa onde tudo foi implacavelmente passado a ferro sem ficar prega e, com a destreza de fígaro em sábado à noite e casa cheia, num ápice barbeou à nobre cidade o ar digno, fidalgo, que a distingue das outras terras do Algarve.

Tudo isso que houve, passou à história feito montão de escombros pelo sabre arrazador do tremebundo hoplita.

Extenuadíssimo por tão ingente e asseada obra, bem lhe assiste o direito de limpar muito bem as mãos à parede e descansar em paz.

* * *

Que dizem a isto os senhores do turismo?

Deverá permitir-se que os interesses turísticos duma cidade, duma região, sejam impunemente prejudicados por ignorância ou má fé?

Deverá coisa reputada hoje tão séria e importante como o turismo ficar à mercê de inválidos mentais, sem que se revejam e moderem os dislates que mandam a imprimir e enganar o público?

Hoje, que tudo é movimento, trepidação, vida intensa, que é isso de cidades adormecidas?

Que é isso de cidades tristes onde há modernos e grandes cafés e esplanadas rumorejantes de bulício, cinemas, concertos públicos, bailes, festas e espectáculos nas sociedades de recreio, no teatro ou parques públicos; conferências culturais; culto da música nas bandas e nos orfeons; da poesia em jogos florais; das letras em imprensa própria?

Que é isso? Como se permite?

Vá que campanhas ineptas se auto-prejudiquem ou aos seus negócios; isso nada nos preocupa, porém sempre que colidam conosco, com os interesses e o nome desta terra que

O Povo Algarvio

completou 25 anos de existência

Continuação da 1.ª página

Já lá vão 25 anos que este semanário, qual ave nascida em estranho ninho, iniciou os seus vãos sob fortes rajadas de vento ciclónico.

Lutando por vezes contra a incompreensão dos homens, seguiu o seu destino, e neste ano da graça de 1959 ele comemora as suas Bodas de Prata na modéstia das suas possibilidades.

À mingua de recursos, sem páginas coloridas nem manifestações de regozijo, ele continua o seu caminho, a proclamar as belezas do Algarve e a defender, acima de tudo, os interesses da terra que o viu nascer.

Nesta hora festiva recordamos com profunda saudade o nosso falecido Director e insigne tavirense poeta Isidoro Pires, companheiro de muitos anos de trabalho.

Saudamos efusivamente todos os nossos camaradas de Imprensa e endereçamos, com muito júbilo, as nossas mais cordeais saudações a quantos nos têm prestado a sua ajuda e a sua colaboração desinteressada.

Embora muitos só se lembrem de nós no momento em que necessitam do nosso apoio, nós, pelo contrário, não esqueceremos nunca aqueles que nos têm dado inequívocas provas de simpatia ou manifestado a sua admiração.

Mais um ano de labor vamos enfrentar e oxalá que nas nossas colunas possamos com orgulho proclamar bem alto uma onda renovadora de progresso para a nossa terra, tão esquecida na rota dos grandes melhoramentos que avassalam o País de lés a lés.

Alheios a lutas mesquinhas, indiferentes às vaidades e ao piar das aves agoirentas, entramos no 26.º ano de vida com o mesmo entusiasmo a incitar as boas iniciativas, a criticar o que estiver mal e a elogiar tudo o que for digno.

Assinal o «Povo Algarvio»

nos foi berço, daqui desta tribuna se protestará veementemente e chamará a atenção de quem de direito na defesa dos interesses e da dignidade de Tavira.

Sebastião Leiria

Pela
Província

Luz de Tavira

Visita à Casa do Povo — De visita à Casa do Povo desta localidade, esteve no passado dia 23 do corrente um grupo de alunos e alunas da Escola do Magistério Primário de Faro e seus professores, os quais se faziam acompanhar pelo sr. Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência de Faro.

Aguardavam os visitantes à entrada da Casa do Povo a Direcção e Assembleia Geral da mesma, o pároco local, Presidente da Junta de Freguesia e outras entidades locais. Estava também presente o sr. vice-presidente da Câmara Municipal de Tavira.

No salão da Casa do Povo procedeu-se depois a uma pequena sessão em que usou da palavra o sr. Manuel Correia Dourado, presidente daquele organismo corporativo, que agradeceu a visita, e o sr. Dr. Jorge da Cunha Pinheiro, Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, que disse da necessidade que os futuros professores têm em tornar contacto com os meios rurais e muito especialmente com as Casas do Povo. Teceu seguidamente um elogio à Direcção daquele organismo pelo muito que tem feito em prol do trabalhador rural.

Seguiu-se a distribuição do subsídio de invalidez a alguns inválidos a que os alunos assistiram, percorrendo depois todas as dependências da Casa do Povo à qual fizeram as melhores referências.

Em seguida os visitantes regressaram para Faro.

A Sociedade R. M. Luzense comemorou o XXXIV aniversário — Comemorou no passado dia 16 do corrente o XXXIV ano de existência, a Sociedade desta terra, cujo programa já havia sido anunciado.

Ao meio dia e meia hora, procedeu-se ao descerramento da fotografia do falecido sócio fundador e grande impulsor da colectividade, sr. José Madeira Nobre Teixeira, a qual se encontrava coberta com o estandarte da Sociedade. Usaram da palavra durante a homenagem o Presidente da Direcção sr. Custódio Anastácio Josefa e o sócio sr. José Joaquim Valente, que foi amigo íntimo e companheiro de Direcção de homenagem, o qual bastante comovido e fazendo comover a assistência, num improviso focou alguns factos já passados da vida da colectividade. A terminar falou o sr. José Joaquim de Mendonça Felício, Presidente da Mesa da Assembleia Geral, afirmando que além da falta que aquele elemento ficou a fazer à Sociedade por ele fundada, também o seu desaparecimento foi sentido na sua terra natal.

O descerramento da fotografia foi feito pelo sr. José António Evangelista, sócio mais antigo da colectividade.

Pouco depois seguiu-se o almoço de confraternização a que assistiram perto de cinquenta convivas, vendo-se alguns sócios ausentes que não quiseram deixar de estar presentes nesta reunião. Presidiu o sr. José Joaquim de Mendonça Felício, Presidente da Assembleia Geral que pouco depois transmitiu a posse ao sócio sr. Custódio Pires Soares, também em tempos Presidente da mesma Assembleia e Direcção.

Diversos sócios usaram da palavra, todos desejando que aquela confraternização se verificasse todos os anos e manifestando ainda o desejo de que a Sociedade progreda cada vez mais terminando cada um com vivas à Sociedade e desejos de longa vida.

Findou assim o almoço que terminou quase noite.

Procedeu-se depois no salão de festas da Sociedade à sessão solene. Voltaram a usar da palavra mais alguns oradores entre eles o Presidente da Direcção, o sr. Francisco Maria de Carvalho Paula, membro da Comissão de Festas e, por último, o vice-presidente da Assembleia Geral, sr. João da Luz e Brito.

Seguiu-se depois um baile que durou até de madrugada. Num dos intervalos foi servido um porto de honra.

O Conjunto Musical «Júlio Cruz» de Loulé, actuou durante o baile, tendo agradado plenamente.

Notícias Pessoais — Regressou de Lisboa onde foi consultar a medicina, o menino João José Montalto de Campos, filho da sr.ª D. Gertrudes de Campos e do sr. Dr. Francisco de Campos.

Já se encontra quase completamente restabelecido da sua doença, o sr. Rui José Madeira Teixeira Fialho, nosso assinante no Livroamento.

— Afim de tratar de negócios referentes à sua vida comercial, es-

Volta a Portugal
em Bicicleta

A fim de tratar de assuntos referentes à próxima Volta a Portugal em Bicicleta esteve nesta cidade na passada terça-feira, dia 26, o jornalista sr. G. Trabuco Alexandre, membro da comissão organizadora da volta de 1959, em delegação do «Diário Ilustrado».

Foi recebido pelo sr. Dr. Jorge Correia, presidente da Câmara, pela Vereação Municipal, pelo sr. Dr. Eduardo Mansinho, director do Ginásio Clube de Tavira, e pelo sr. José Filipe Ribeiro, comandante dos Bombeiros Municipais.

Após uma troca de impressões ficou assente que Tavira seria final de uma das etapas.

A Câmara prometeu a sua melhor colaboração nesta manifestação desportiva, na qual colaboram alguns desportistas tavirenses.

A nossa terra vai assim, mais uma vez, presenciar esse grande espectáculo que atrai à cidade muitas centenas de forasteiros.

Na povoação de Cabanas

vão realizar-se festejos populares

Promovidos pelo Clube Recreativo Cabanense vão realizar-se, no dia de S. João, os tradicionais festejos populares, cujo programa consta de uma regata de canoas, tirada de fitas e um grandioso baile à volta do típico mastro, o qual será abrilhantado por uma excelente orquestra de jazz.

Anúncio

A Junta de Freguesia da Luz, torna público que vende cinco ciprestes colhidos no último vendaval de Dezembro.

As propostas de venda serão apresentadas até ao dia 14 de Junho de 1959, pelas 18 horas.

Caso as ofertas não convenham, esta junta reserva o direito de não entregar.

teve ausente desta terra durante algum tempo o sr. Nuno José Marques Galvão.

— De visita a esta localidade vimos o sr. Custódio Vitor Palmeira, funcionário da Companhia das Águas, em Lisboa.

— Também de visita a suas famílias vieram a esta terra a menina Maria da Piedade Viegas Neto, aluna do Posto de Regentes Agrícolas em Évora e o sr. Joaquim de Freitas Madeira Teixeira, funcionário da Caixa Geral de Depósitos em Lisboa — C.

A Rua... e Eu

Continuação da 6.ª página

riga que, embora tarde, foi o meu grande amor!

Ah! Maria, tu nunca havias de ser mulher, mas sempre criança! Porque te chamou esta maldita rua — esta rua que te perdeu?

Não importa, tudo passou sobre ti: a beleza, a juventude, e agora o pó do esquecimento te cobrirá. Foste actriz — como diz o poeta — «mas tudo passa e lá chegou um dia o malfadado pó do esquecimento, e agora, sim que raça, que talento, tu mostras pelas ruas, noite e dia»...

O poeta, Maria, tem razão: e tu nem sempre quiseste compreender; rias-te quando o ouvias.

Mas ele traduz a vida — a tua vida — quando choroso, exclama: «Actriz! Que bem que representas hoje, a farsa da beleza que te foge, o drama dum amor que te faz falta!»

Ri-te; agora, diz ao vento que fui eu o culpado; revolta-te, arranca a página do livro do teu destino, porque o poeta da rua, implacável, continua a cantar a trova da tua sina:

«Só o tempo, esse doido contra-rega,
Tarda a baixar uma cortina negra
E a levar-te depressa da ribalta!»

Actriz! Quando «baixar a cortina negra» do palco da rua onde foste bela e desejada, não baterei palmas — deixarei cair como pétalas amarelecidas duas lágrimas de perdão por esse amor longínquo que não passou de um vão capricho!

Semana do Ultramar

Integrada nas comemorações da Semana do Ultramar, pronunciará no próximo dia 6 de Junho, no Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria uma palestra intitulada, «A minha terra de Macau», o nosso colaborador sr. Tenente Vitor Castela.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

RADIODIAGNOSTICO-FOTOMOGRAFIA—TRATAMENTOS ELÉCTRICOS—ONDAS CURTAS—ULTRA-SONS

Clática, lumbago, artrose deformante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS
FARO—PORTIMÃO tefs. 368

V. Ex.ª

para o baile, o cinema ou um passeio realce a sua beleza com um penteado de

Madame ASSUNÇÃO

HAUTE-COIFFURE
nas mais recentes linhas da moda e adaptado à sua personalidade

Instituto de Beleza Assunção

Telef. 66 — R. Dr. Paço de 81 — TAVIRA



Mosaicos Leão



Indústria Tavirense

Fabricação garantida com excelente matéria prima. Executam-se em todas as cores e modelos. Os mosaicos preferidos pelos construtores pela sua qualidade e duração.

Fabricação de mosaicos de marmorite, pedras para balcão, lavaloças, tábos em cimento, etc. — PREÇOS SEM COMPETENCIA

Dirigir pedidos directamente à

Fábrica de Mosaicos Leão

Rua da Porta Nova, 7 — Telefone 110 — TAVIRA

Preferir os MOSAICOS LEÃO é contribuir para o progresso de TAVIRA



* Marca Registrada de
The Singer Manufacturing Co.

SINGER*

Mais de 100 anos de supremacia mundial
em Máquinas de Costura

TAVIRA

80 — RUA DA LIBERDADE — 82

QUADROS

9

de Loulé Antigo

ERA doutor e de sotaque açoreano. Figura austera; de perinha e mosca já caidinhas de branco com o pincel dos muitos invernos.

Musicólogo e musicógrafo de respeito. Rosto vermelho; fala volumosa, pausada e de fino e educativo timbre; era o delegado de saúde.

Logo de manhã bem cedo, de mãos atrás das costas, ele que subia vasta praça. Era aí, então, nos larguíssimos passeios, até quase ao largo dos «Inocentes», o mercado abastecedor de peixe.

Com vagar, sem pressas, examinava as hortaliças, os frutos verdes e tudo o mais que estivesse na sua alçada; mais abaixo, nas traseiras da sua cómoda habitação, nas arcadas que abriam para a dita Praça, no contorno das desparecidas «bicas novas», funcionava a venda de peixe.

Os vendedores, em atitude de muito respeito para com o «senhor Doutor Belchior», desbarretavam-se e aguardavam religiosamente a sua sentença. E aí daquele a quem ele mandasse deitar petróleo por cima do peixe.

Felizmente, nesses tempos, o caso era raríssimo, pois o peixe, posto à venda ao público, era sempre fresquinho e bom; hoje, apesar de se vender peixe que esse rígido delegado de saúde nenhum receio teria de proibir-lhe a venda, não há petróleo que o inutilize: vende-se e come-se tudo. Sinais dos tempos modernos!

Descia as «bicas novas», atravessava o largo do Chafariz, e sempre devagar e mãos atrás das costas, entrava na rua do Peixe e seguia rumo ao velho Matadouro Municipal.

Aguardava-o sempre de sorriso nos lábios, no seu modesto talho, ativo e grossa corrente de ouro a salientar-se do colete, o velho «Nhacas».

E assim, numa tarefa de todos os dias, as fiscalizações sanitárias exerciam a sua benéfica acção a favor do consumidor.

O doutor era o chefe local: o já idoso médico de apelido Marim e o jovem e insinuante doutor Roxanes. O hospital não possuía os requisitos de hoje. A terapêutica não correspondia às exigências da saúde do povo. Morria-se com frequência de uma «dor de rosca», de um catarral, de uma cólica. A foice da morte era assustadora. Não havia os milhões de comprimidos que actualmente povoam os arsenais da farmacopeia. Todavia este aplicado médico não descurava dos seus deveres; vivia consoante a época e não mais podia fazer.

Já pela sua inclinação para e já porque não existiam as inúmeras distrações e facilidades de transportes que hoje são o fulcro da vida moderna, o garboso «doutor Belchior» aplicava seus desvelos, nos ócios, à prática da arte dos sons.

Na vasta e luxuosa sala de visitas da sua residência existia, a par das ricas decorações e lindos quadros, um arsenal de instrumentos. Era o piano de superior marca, era o violino, o violoncelo, o rabecão, as flautas. Em quase todos eles o velho doutor dedilhava com certa habilidade.

E a quando nos entretenimentos dos serões da época ou em benefícios «pró-assistência» organizava com os filhos e os amigos a «sua orquestra», cuja exibição constituía sempre um acontecimento de relevo.

Não restringia a acção musical à sua própria acção. Era também um apaniguado da música popular. Partidário da filarmónica Artistas de Minerva, muito de perto lhe seguia os passos.

Era regente desta banda Joaquim António Pires. Re-

por Pedro de Freitas

Os aniversários da E.V.A. e Rodoviária

Realizou-se ontem a festa do 26.º aniversário da E.V.A. e do 17.º da Empresa Rodoviária, importantes empresas de transportes de passageiros da nossa província, com o seguinte programa:

I Parte — Sessão solene comemorativa dos aniversários, na qual se distribuirão os seguintes prémios: Concurso de pesca; Concurso de fotografias, com exposição; Concurso de reportagens, com leitura da classificada em 1.º lugar; Emblemas e diplomas de antiguidade; Prémios aos motoristas sem acidentes.

II Parte — Baile para funcionários das duas empresas e seus familiares, abrilhantado pelo Conjunto Ossoyoba.

Felicitemos aquelas duas empresas de transportes algarvias pela passagem dos seus aniversários, fazendo votos pelas suas prosperidades.

gente e professor de música de elevada categoria, foi um mestre que, com a sua genial pedagogia, das centenas de músicos louletanos que fez, muitos foram os artistas que saíram do seu sistema de ensino.

Não obedecia ele a métodos feitos que obrigam os alunos a lerem aquilo que ouvem aos outros. Os métodos eram por si gradualmente construídos, consoante a aplicação dos aprendizes.

Era grande a minha geração de aprendizes. Depressa eu fui singrando no solfejo resado e no cornetim. No solfejo, tal desenvolvimento tomei que, quando tocava a minha vez, toda a turma postava-se a ouvir-me.

Um dia, como um patriarca bíblico, à hora das lições, entra na sala o doutor Belchior. Senta-se numa cadeira, pernas um tanto abertas e mãos apoiadas nos joelhos; perinha a tremelizar e olhos de linca a perscrutar, dispõe-se a ouvir a miudagem. De uns faz umas caretas feias, de outros uns gestos de transigência. Chega a minha altura.

Solfejo umas difíceis lições de semicolcheias intercaladas com pausas a tempo e a contra-tempo, em compasso composto de doze por oito. Depois, no cornetim, uma linda lição no tom de ré menor, compasso quaternário, com escalas cromáticas ascendentes e descendentes, em colcheias, seguidas de semicolcheias intercaladas por bemóis, sustentidos, apogiaturas e intervalos de oitava, sétima, sexta, quinta, quarta e terceira. Toda uma lição de muito efeito e difícil.

Mestre Pires sorri da sua obra. E no silêncio produzido após a minha perfeita exibição, o respeitável doutor, com a autoridade que lhe era reconhecida, muito pausadamente e em atitude grave, sentenciava da sua cadeira: Muito bem!... Muito bem!...

Como seria natural, fico altamente consolado por tão elevado conceito ouvido e jamais

Continua na 2.ª página

Quarta conferência do ciclo promovido pela Secretaria de Estado da Agricultura sobre aspectos agrícolas do II Plano de Fomento

Palestra pronunciada no dia 21, em Faro, no edifício da Junta de Província do Algarve, pelo Eng. Agrônomo Augusto Rosa Azevedo, sobre o tema «O II Plano de Fomento nas suas relações com os problemas de sanidade vegetal».

ORADOR começou por afirmar que o maior interesse de que hoje se reveste a luta contra as pragas e doenças das plantas cultivadas está intimamente relacionado com a alteração do equilíbrio natural que surgiu como consequência da forte intensificação cultural a que obriga uma cada vez maior pressão demográfica.

Fez a seguir breve revisão dos aspectos fitossanitários fundamentais das culturas mais importantes a que terá de recorrer-se para tornar possível uma renovação da nossa economia agrícola. Citou, de entre elas, as culturas hortícolas e as arbóreas e arbustivas, merecendo-lhe especial atenção a fruticultura, designadamente as pomoideas e os citrinos, e a olivicultura.

Para fazer face às crescentes exigências de combate às pragas, referiu-se à necessidade de melhorar a rede de serviços fitopatológicos, considerados estes no sentido mais lato, e salientou que da parte do agricultor será indispensável uma compreensão e cooperação constantes, a envolver mesmo uma mudança de atitude, para que os pomares e as plantações em geral estabelecidos de acordo com os melhores princípios técnicos. Há que dar às explorações frutícolas um carácter nítida entre comercial — acentuou —, pois só assim será possível produzir frutos a preços capazes de concorrer com os do estrangeiro.

Relativamente às facilidades trazidas pelo II Plano de Fomento, evidenciou que elas tornam possível uma melhor estruturação de serviços, partindo da investigação e passando pela experimentação e assistência técnica, para atingir a fase terminal — a de execução das práticas fitossanitárias, pertencendo esta já à Lavoura.

As verbas consignadas no II Plano de Fomento permitem alargar e completar as condições de trabalho dos Postos de Sanidade Vegetal nos concelhos onde a existência de problemas fitossanitários e o interesse da Lavoura local o justifiquem.

Com a melhoria progressiva dos Postos de Sanidade e com o preenchimento de algumas lacunas existentes na rede actual de serviços de defesa das plantas, em especial a criação de um laboratório de fitofarmácia, de uma estação de quarentena e de centros experimentais de sanidade vegetal, julga-se possível, durante o período de execução do II Plano de Fomento, enfrentar as exigências da defesa das nossas culturas.

Prédio

Vende-se, situado na Rua Dr. Miguel Bombarda n.º 5, em Tavira.

Tratar com António do Nascimento Real, Rua Dr. Miguel Bombarda, 23 — Tavira.

Vende-se

Uma courela de 8 alqueires de semente, boa terra pouco arvoredo, uma nora e parte de outra, denominada Grileira, no sítio da Palmeira — Luz.

Quem pretender dirija-se a Joaquim A. Ramos Júnior.

O «Povo Algarvio» nas suas Bodas de Prata

Vinte e cinco anos

ao serviço de Tavira e do Algarve

FOI na manhã de domingo de 28 de Maio de 1934 — há 25 anos — que adquiri o primeiro número do «Povo Algarvio», na Tabacaria Santos, na antiga Arcada. Rejubilei, como tavirense que me orgulho de ser!

Mais um periódico surgia na minha terra, depois de outros como o «Heraldo», o «Povo do Algarve», o «Província do Algarve», o «Gilão» e o «Séqua» — estes dois últimos de efémera vida — terem cumprido a sua missão com maior ou menor espírito bairrista, em defesa da terra que os viu nascer.

No elenco directivo e redactorial figuravam dois nomes, dois bons tavirenses, dois novos que, com a sua radiante mocidade e entusiástico bairrismo, propunham-se fazer do novel jornal uma trincheira de bom combate em prol de Tavira, essa esquecida terra algarvia! Eram eles: Dr. Jaime Bento da Silva e o poeta Manuel Virgínio Pires, ambos espíritos desempoeirados e decididos à luta. Nomes que asseguravam jornalismo sério e construtivo.

De convicções nacionalistas, o novo jornal aparecia à luz da publicidade no vasto plano da imprensa regional, a bater-se pelos problemas da sua Tavira e do seu Algarve, e na caminhada percorrida neste quarto de século tem-se mostrado rico, mas muito rico mesmo, em dedicação, desejo de servir, de ser útil e operante elemento de progresso. Dedicou-se de alma, coração e inteligência à defesa do bem comum, tanto no campo regional como no nacional.

Surgiu assim uma modesta folha de papel impressa, estuante de energia criadora e de exuberante espírito combativo, pondo-se ao serviço da sua região e da Nação, na difusão e na crítica séria e construtiva dos princípios que orientavam a vida nacional nos períodos de maior fulgor e relevância, que hoje são garantia de progresso e engrandecimento.

Tavira e todo o seu concelho — mesmo os que nunca concordaram com a orientação política do semanário — não-de reconhecer que o «Povo Algarvio» tem sido um ardoroso baluarte na defesa dos seus problemas.

Sem receio de desmentido, eu, o seu mais modesto e desvalioso colaborador e que o acompanha há quase vinte cinco anos neste galopar jornalístico, ousou afirmar: o «Povo Algarvio», que hoje festeja as suas «Bodas de Prata», serviu a cidade, o distrito e a Nação, sem se ter desviado sequer, um milímetro do programa traçado. Dizer o contrário é falsear a verdade.

Indiscutivelmente que esta longa estrada de «Vinte Cinco Anos» de vida deste semanário, sem interrupção, saindo

normalmente no dia que primitivamente foi designado — o domingo — com colaboração e noticiário que, de uma maneira geral têm interessado, marca um magnífico triunfo — uma vitória para Tavira — porque: «terra que não possui um órgão da opinião pública onde se clame e se bata pelas suas aspirações, é letra morta na acidentada estrada da Vida».

À Imprensa Regional cumpre, entre outras, a nobre missão da defesa e estímulo de tudo o que pode tornar mais bela e rica a região que defende. Se por vezes é acerada nos seus comentários ou sugestões é, no entanto, também a primeira a exaltar os méritos.

Quando as dúvidas existem é preciso alguém que as esclareça. O silêncio, só silêncio, é, que em nada pode resultar.

O rebate da crítica construtiva exercita a inteligência e fortalece a personalidade. Inteligentemente é mínima a percentagem de indivíduos que a realiza ou aceita friamente.

Disse há dias um Homem do Estado: «Crítica é denunciar o mal, para que se corrija; é realçar o bem, para que o louvor sirva de estímulo. Assim concebida, a crítica é para nós condição indispensável de progresso e acerto». Acertadas palavras estas que me obrigam a criticar os que não compreendem o valor da Pequena Imprensa.

* * *

Colaboro neste órgão da Imprensa local desde o seu n.º 6 — data em que me enfrontei nas lideranças jornalísticas, pois estou também em vésperas das minhas bodas de prata do jornalismo regional — e mal ficaria com a minha consciência se, nesta data festiva a todos os títulos, para o Director e Proprietário do nosso «Povo Algarvio», eu não tivesse duas palavras amigas e de justiça, que representem o meu abraço de parabéns, de aplauso e de vivo apoio pelos óptimos serviços prestados à nossa linda Tavira e ao nosso encantador «Jardim das 35 Léguas» esse belo rincão português — o Algarve das mouras encantadas.

Bem haja, pois, Manuel Virgínio Pires!

E sempre em frente por Tavira, pelo Algarve e por Portugal!

Luís Sebastião Peres

PAPELARIA IDEAL

TELEFONE 131

Rua 5 de Outubro, 17 — TAVIRA

Artigos de papelaria, de escritório, de desenho e escolares

Livros de ensino primário e do 1.º, 2.º e 3.º ciclo liceal e técnico

Últimas novidades literárias

Revistas nacionais e estrangeiras

Postais ilustrados e com a vista geral e parcial da cidade.

Jogos e construções

Impressos da Imprensa Nacional

J. J. CELORICO PALMA

Estrada Marginal — TAVIRA

Uma das mais acreditadas fábricas do Algarve
Fabricação esmerada das mais deliciosas conservas de peixe

J. A. PACHECO

Telefone 13 — TAVIRA — Apartado 13

Fábrica de moagem de farinhas espoada e em rama. Panificação mecânica

A NOSSA TERRA

Crónicas pelo sr. Dr. José Ribeiro Alves Júnior

III

Castro Marim e a sua excelsa padroeira N. Sr.ª dos Mártires

O Cativo de Arzila

Cândida Virgem dos Mártires,
Formosa Virgem Maria,
Estrela do céu fulgente,
Clara luz do claro dia!
Contar todos seus milagres,
Quem contá-los poderia?
De todos o mais patente
Acha-se aí nessa vila
De Castro-Marim chamada,
Que já foi da moiraria.
É este santo milagre
De tal poder e valia,
Que em Portugal e Castela,
É mais inda em Barberia,
A quantos bem o conhecem,
Faz espanto, e maravilha!
Era um cristão que passava:
Negra vida, que teria
Debaixo de duros ferros
Lá para as bandas de Arzila.
Cativo mais penoso
Outro cristão não havia.
O perro moiro infiel,
Que o comprara em Almeria,
Por seguro se não dava
De que lhe não fugiria.
Sempre o maldito do perro,
Que receios vivia,
Maltratava o pobre escravo
Com ferrenha mão soia.
Já invenção lhe faltava
De como ele o guardaria;
Mandou fazer um caixão
Muito forte em demasia,
E nêle sem mais detença
O triste cristão metia;
Mas por certo inda o não dava
A-pesar do que fazia;
Aquele mente maldita
Em mil receios ardia.
Nova ideia de tormento
Alma lhe enche de alegria;
Com uma grossa corrente
De pés e mãos o prendia,
E ainda sobre o caixão
O indino perro dormia!
Negro pão, e água turva
Era o manjar que teria;
Mas uma ardente esperança
Que na Virgem Santa havia,
Vida nova lhe apontava
Sobre a que lhe já fugia.
A Virgem Mãe Soberana
Invocava noite e dia
Para que lhe desse n'alma
Vigor que se lhe extingua,
E que de todo o livrasse
De tão dura escravaria.
A Santa Virgem dos Mártires,
Que todo o seu rogo ouvira,
Daquela espírito aflito
Muito bem se condoia.
O caixão que em terra estava,
Cercado de água se via,
E como o perro do moiro,
Que em cima dele dormia,
A tona de água boiando
Três dias assim corria.
Já despontava a manhã,
A manhã de um claro dia;
Novas areias se mostram,
Outros céus, outra alegria!
Da torre o galo três vezes
Este milagre anuncia;
Os sinos do campanário
Repicavam à porfia
Sem que ninguém os tangesse:

Porque tudo inda dormia.
O ladrar de muitos cães
Em todo o mar percutia.
Quando o perro ouvira os sinos
sobre tudo se doria,
Que junto de terra estranha,
Terra que não conhecia,
Por sua desventura
Com seu escravo se via!
Encalhado em fina areia
O mesmo caixão se abria;
Com rosto mais que magoado
O moiro ao escravo dizia:
— Cristão, que país é este
De tão alta senhoria?
Na tua terra cristão,
Cantam galos à porfia,
Tocam sinos, ladram cães
Logo ao despontar do dia?
— Esta terra sei que é minha,
Mas eu não a conhecia.
Na minha terra, senhor,
Cantam galos à porfia,
Ladram cães, repicam sinos
Logo ao despontar do dia.
Assombrado o sarraceno
Do que do cristão ouvia,
Sem mais perguntas fazer-lhe,
Da corrente o desprendia:
— Ergue-te, cristão perdoa-me
Todo o mal que te eu fazia;
Até hoje eras meu escravo;
Teu escravo sou neste dia!
Para ver este milagre
Toda a gente ali corria;
Com seus gibões encarnados
Os da justiça assistiam.
Já todos vão, já se partem
Caminho da Santa Ermida;
O moiro com viva crença
O baptismo requeria;
Eis que aospés da Virgem Santa
D'água uma fonte se abria
Tão cristalina e tão pura
Que a todos pasmar fazia.
Com esta água bendita,
Água de tanta valia,
Foi logo ali pabizado
O moiro da Barberia.
Baptizado o serraceno,
Ao pé da fresca fontinha
Se formara um lindo mar
Daquela água que corria,
E para maior milagre,
Ao cabo de 7 dias
mesmo no meio das águas
Um verde freixo nascia,
Que o que mais maravilha
Era o ver como crescia!
Desde então ficou a Virgem
Tendo grande romaria:
De Portugal e Castela
Tudo ali corre em seu dia.

NOTA — Ainda hoje existe, diz a tradição, a atestar a veracidade do facto narrado neste romance, a corrente com que o moiro prendia o cristão cativo. Esta corrente encontra-se patente ao público na igreja matriz de Nossa Senhora dos Mártires, se já não a colocaram no museu regional da vila, em lugar adequado, junto a outras reliquias religiosas e propriamente relacionadas com a excelsa padroeira de Castro Marim.

Emílio Valongo

Volto ao agradável convívio do «Povo Algarvio» o seu antigo colaborador sr. Emílio Valongo, que através das suas crónicas, dos seus escritos realistas e plenos de actualidade, deliciará os nossos leitores.

QUADROS

de Loulé antigo

Continuação da 2.ª página

esquecendo essa douta sentença do velho e respeitável músico e médico, marco as lições desse saudoso «exame».

No caderno de solfejo têm elas os números 135 e 136 e datam, respectivamente, de 23/5-1907 e 25/5/1907; no de cornetim o número 109, de 25/5/1907. A cinquenta e dois anos de distância estes dois cadernos-métodos de Joaquim António Pires atestam do alto valor pedagógico com que esse extraordinário professor ensinava os seus discípulos. Assim o têm considerado os artistas a quem já tenho mostrado esses dois cadernos, relíquias da minha mocidade musical!

A lei fatal determina que o muito considerado doutor Belchior ceda a sua vez e assim ele é substituído por um novo que, oriundo de Faro, «toma» Loulé com a sua alma de abnegado. Tem por nome José Bernardo Lopes.

Revoluciona todo o velho sistema e acompanha o progresso hospitalar: cirurgia, assistência, raios X, radioscopia, tratamentos, enfim, todo um novo método que a sua classe de grande médico lhe permite estabelecer.

Benemérito, com esta divisa conquista as simpatias gerais.

Sempre atento ao seu sacerdócio que abraça com toda a proficiência, o doutor Lopes — como é designado pelo povo — durante quarenta e cinco anos é o melhor e o mais eficaz esteio do hospital. Os louletanos muito lhe ficaram a dever.

Atingido pela lei que não perdoa, em 1956 o seu lugar é ocupado por um jovem louletano. De nome Manuel Cabeçadas, ilustre membro de uma família das mais distintas de Loulé, este cirurgião de fama deixa Lisboa e regressa a tomar assento no seu berço natal.

Mais uma revolução nos serviços do secular hospital. Mais um novo que traz com as suas inovações novos métodos à assistência de Loulé.

Três médicos, três valores, três épocas!

O «Povo Algarvio» vende-se em Lisboa, no Parque Mayer, na Tabacaria Jaime da Silva.

Livros

e Revistas

Mundo — Recebemos o n.º 91 desta excelente revista ilustrada, a melhor do seu género que se publica entre nós, inteligentemente dirigida pelo jornalista Manuel Ataíde.

Boletim da Direcção Geral das Contribuições e Impostos — Recebemos o n.º 3, referente a Março, desta excelente e útil publicação mensal, órgão da Direcção Geral das Contribuições e Impostos.

O sumário do presente número é o seguinte: *Estudos* — Garantias Jurídicas do Contribuinte, pelo Dr. Vitor António Duarte Favero. Elementos para uma Regulamentação da Procuradoria Fiscal, pelo Dr. António Cândido Monteiro Guerreiro. *Divulgação Fiscal* — O Contribuinte e os Serviços — A opinião Pública e os Impostos — contribuição sobre empreitadas. Obrigações tributárias relativas ao mês de Maio. *Bibliografia e Documentação* — Resumos de artigos de revistas. Publicações recebidas. *Noticiário* — Abertura; Para uma simplificação administrativa; Governador do Banco do Fomento Nacional; Legislação Fiscal em França; Simplificação dos Termos no Processo Administrativo em Espanha; Centro de Informação Administrativa de Paris; Os leitores e o «Boletim»; Factos e Números. Jurisprudência Anotada. Imposto de Camionagem e Imposto de Compensação. Legislação — Resoluções Administrativas — Pareceres da Procuradoria Geral da República.

Recomendamos esta publicação a todos os industriais, comerciantes, funcionários, etc..

Panorama do Pensamento Filosófico — Acaba de sair o fascículo n.º 12 desta excelente publicação literária, trabalho dirigido por V. Magalhães Vilhena, numa escrupulosa edição da Biblioteca Cosmos.

A obra constará de cerca de 30 fascículos de 64 páginas cada.

Ronda da História — Da revista mensal «Ronda da História» cuidada e diligentemente elaborada, que evoca o passado em todas as suas variantes e de que é director o escritor Américo Faria, publicou-se mais um número — o 26, respeitante a Maio.

Constituirá, decerto, mais um êxito a juntar aos anteriores números, tanto mais que do seu sumário constam artigos de palpitante teor como sejam: Do cristianismo ao cosmopolitismo actual; Lhasa capital tibetana; Surpreendentes calculistas mentais; Duplicidade dum cirurgião inglês; Sócrates, o filósofo que desprezou a morte; Jovem judia espia para três nações; Maldade de Domiciano; O gênio e a raça; Torres famosas em perigo; Origem da peregrinação a Mecca; Nos E.U. construiu-se uma cidade para Maria Antonieta; A epopeia das cruza-

Dos Livros...

Amor sem Esperança

Um caso singular, bem contado, num entrecio pleno de naturalidade e sem preconcebidas fantasias, com personagens vivas, de nitido recorte, bem desvassadas nos seus complexos de sentimentos e paixões, através duma linguagem clara, limpa dos refulhos empastes e repisações que alguns autores usam por aparência de profundidades — eis as características deste novo romance que João Amaral Júnior acaba de acrescentar à lista já longa das suas obras.

Um caso da vida actual, impregnado pelos costumes da época, mas ainda um penetrante estudo psicológico em que as zonas da vida íntima são focadas com uma luz reveladora.

Deste modo, e agora no seu presente romance «Amor Sem Esperança», Jasmina e Maria Esteve, o duro José Malalo e o volúvel Eduardo, assim como as ambiciosas e modernas Ana Maria e Maria Isabel, o cábula Almedina, etc., são figuras próximas, nossas conhecidas que, segundo as suas reacções na acção desta obra, ficam a perdurar na memória de quem a ler. E estamos certos de que o fará de princípio a fim sem desfalecimento de interesse, tão aliciente se torna a sua estrutura real e moral.

Edição, muito cuidada, da Livraria Romano Torres, Lisboa.



Agradecimento

A família de Rodolfo Franco não lhe sendo possível agradecer directamente a todos quantos acompanharam o seu funeral, por desconhecimento de nomes e respectivas moradas, vem fazê-lo por este meio manifestando o seu maior reconhecimento.

DINHEIRO

Sobre hipoteca empresta-se. Trata solicitador José António dos Santos — Tavira.

Empregada

Precisa-se, para serviços de escritório.

Nesta Redacção se informa.

das; O enigma do «Máscara de Ferro» desafia os séculos; além de outros, anedotas, efemérides e pequenas notas, recheio que faz de «Ronda da História» uma publicação sem par não só em Portugal como no estrangeiro.

O Pescador que quis ser Monge e foi Santo

POR ANTERO NOBRE

ocorrem em cada um dos passos da vida de S. Gonçalo, que os respectivos painéis pretendem representar, mas isso pode ser devido, e foi com certeza, a má informação de quem os pintou, aliás justificável em face do tempo decorrido e do desconhecimento, então quase certo, de algumas das fontes de informação de que hoje dispomos.

Em matéria de azulejos, há a ainda a registar, o nicho que, na antiga Rua do Cavaleiro da Espora Dourada, de Torres Vedras, assinala o local do Convento Velho, onde o único Santo algarvio viveu os seus últimos anos, de vida terrena e morreu. Contém aquele nicho um painel em azulejos azuis e brancos, com a figura de Santo Agostinho de joelhos, em frente da imagem de Nossa Senhora da Graça; mas, no quarto inferior direito do painel um rectângulo que parece ter sido sobreposto, posteriormente, ao primeiro desenho, visto cortar o respectivo enquadramento, mostra S. Gonçalo de pé, tendo na mão esquerda um crucifixo e a direita erguida num gesto de bênção. No fundo deste rectângulo vê-se a ré de uma nau (ou barco semelhante). Desconhece-se, e nada a tal respeito conseguimos averiguar, quando nicho terá sido construído, mas pelo desenho e outros indícios afigura-se-nos trabalhos talvez do séculos XVII.

No que respeita a pinturas, existe ainda hoje uma tela a óleo, representando S. Gonçalo, na igreja de Nossa Senhora das Angústias ou do Calvário, em Tavira; não a vimos, mas vem citada em Damião de Vasconcelos e J. Fernandes Mascarenhas. As pinturas sobre madeira, a que nos referimos no texto, bem como outras pinturas posteriores, sobre tela, que parece terem existido também, desapareceram todas depois dos meados do século XVIII; as épocas da respectiva confecção, que lhes assinalámos no texto, são as que lhes atribuíram os «mais insígnis pintores da Corte», que foram chamados para as examinar, a quando do processo de beatificação, e cujo parecer consta da respectiva Sentença.

Na Imaginária é que existe um maior número de espécimes. Conhecemos ou temos notícia de, pelo menos, as seguintes imagens de S. Gonçalo: a existente na igreja da Santa Casa da Misericórdia de Faro; a existente na igreja da Graça de Lisboa, hoje no altar de Nossa Senhora das Dores, mas durante muito tempo, como se disse no texto, venerada no altar que ali foi dedicado a S. Gonçalo; a existente

na igreja do antigo Convento da Penha de França, em Lisboa; uma bastante antiga, sem dúvida das mais belas existentes que se encontra na igreja da Póvoa de Penafirme, e pertenceu ao convento local dos Eremitas de Santo Agostinho; a que se venera na igreja da Graça de Torres Vedras, colocada sobre o cofre que contém as reliquias de S. Gonçalo; e nada menos de cinco, existentes em Lagos. Estas últimas são: a pequena imagem de barro pintado, sem grande ou mesmo nenhum valor artístico, mas sem dúvida de grande valor arqueológico, que está entronizada no nicho da casa onde a tradição diz ter nascido S. Gonçalo; as que se encontram nas igrejas de S. Sebastião e de Santo António dos Militares; a que pertenceu à antiga Confraria do Corpo Santo e está hoje na sala do Museu Regional de Lagos que tem o nome do glorioso Iacoborgense; e a que se encontra na igreja da Misericórdia, servindo de paróquia de Santa Maria, no altar votivo de S. Gonçalo. Não conseguimos apurar as datas em que estas imagens terão sido confeccionadas e expostas à veneração dos fieis, salvo a de Torres Vedras, que, como dissemos no texto, foi inaugurada conjuntamente com o altar onde está colocada. Quanto à última das citadas, a da igreja da Misericórdia de Lagos, diz-nos J. Fernandes Mascarenhas que foi colocada no altar onde se encontra por ocasião das grandes festas celebradas em Lagos no ano de 1783; mas, o certo é que, ainda em 1856, a Câmara de Lagos, ao pedir a cedência da igreja da Graça, afirmava que a imagem de S. Gonçalo só era então ainda ali venerada na casa que fora de seus pais, o que exclui a existência de outra na paróquia de Santa Maria, e o grande incêndio da Misericórdia, em 1888, destruindo todo o interior da igreja, que só foi reconstruído em 1891, parece levar a concluir que, se realmente ali foi colocada uma imagem em 1783, não pode ela ser a que ali se encontra hoje.

Quanto à imagem, várias vezes citada no texto, que foi esculpida de meio relevo no cofre de pedra contendo a terra do primeiro sepulcro de S. Gonçalo, e que fora colocada, em 1640, sob o túmulo do glorioso algarvio, no altar-mor da igreja da Graça de Torres Vedras, já hoje não existe; quase uma século depois de inaugurado o altar-túmulo de S. Gonçalo, onde presentemente se encontram as suas reliquias, ainda no altar-mor se viam aquela está-

Continua

José António dos Santos

Solicitador Encartado

Rua Alexandre Herculano, 7
TAVIRA

Marcelino Augusto Galhardo

Rua Dr. Miguel Bombarda - TAVIRA

FERRAGENS
TINTAS
MADEIRAS

Garagem Tavirense

TAVIRA

Serviço de reparações,
lavagens, lubrificações
e recolhas, óleos, etc..

Espingardaria Lagoas

OFICINA DE REPARAÇÃO DE ARMAS

Rua 5 de Outubro, 21 - TAVIRA

Participa que tem grande
quantidade de armas novas e
usadas aos melhores preços

Alma Algarvia

Continuação da 1.ª página

neste baile a Maria e o «Manel» são um casamento religioso... fiel a Deus e à sua terra. Só se deixam por morte... dos últimos acordes do «fole».

E a dança possêgue cada vez mais veloz na pressa de viver, de amar e de dançar, colando mais e mais os corpos até à ternura física, num fenómeno humanamente centrípeto.

Entardece. A Natureza, nos verdes e azuis desse Maio, ri ao sol. A sua saia muito rodada de luz meridional, inspirada nos bojos dos figueirais, tecida de barras do mar e aplicada de rendas até ao cano da bota, está linda!

Diferente de tudo, o corridinho não pára. O mandador apressa o ritmo na voz e nas palmas. Agora, na dança da «Alma Algarvia», cada rapariga é uma imagem dum ânfora ou dum cântaro nas mãos dum oleiro, continuando a rodar no torno, pelas formas ideais.

Desde o testo do chapéu florido de espigas, aos braços que não se despegam... a Maria é a ânfora delicada de Samaritana... O «Manel» o oleiro, cioso da sua argila. Toda ela, ao contacto das suas mãos de ceramista, gira, desde a cintura delicada aos pés calçados de atinado, por um bojo irrepreensível. E «Como é gira!» — pensa o «Manel», ao vê-la rodar nas suas mãos...

O Mandador continua a mandar o baile cada vez mais ligeiro. Agora, o ritmo lembra uma Rumba endoidecida. Mais depressa! — clama a voz de comando.

O «fole» continua resfolgante como um Zatopek. O seu diafragma aspira o perfume da tarde cálida e respira uma

Objectos Achados

Estão depositados no Posto da G.N.R., desta cidade, os seguintes objectos:

Uma aliança em ouro, de homem, achada em Santa Catarina da Fonte do Bispo, no dia do mercado que ali se realizou, e uma pulseira do mesmo metal, achada numa rua desta cidade.

Frutos secos do Algarve

Um esclarecimento

Para que não possam surgir dúvidas sobre a local vinda a lume no penúltimo número do nosso jornal acerca deste assunto, subscrita com as iniciais J. G., pedem-nos que esclareçamos os nossos leitores que a mesma não é da autoria de qualquer dos signatários da iniciativa da exposição, na qual se pediam previdências para a valorização dos frutos secos do Algarve.

música viva como as «czardas», enfiabrada como o «Rock and Roll».

«Alma Algarvia» vive do ar e da alma do tocador — capazes de tocar uma eternidade. E o baile sóbrio, simples, no seu girar, lembra uma turbina um exaustor de rotações sem fim. Roda até que a saia de roda deixe de rodar.

O mandador pôs fim à vertigem. A Maria e o «Manel», ofegantes, muito abraçados, ébrios de alegria, de ritmo e de ternura, vêem tudo girar à sua volta — à volta das meninas dos seus olhos como se à sua volta a Natureza dançasse o corridinho também... Como se a Natureza pegasse na dança que eles deixaram...

E tudo fica a rodar à sua volta, no velódromo imenso do seu entontecimento, por um sprint final e vigoroso.

Diferente da «Morte do Cisne», do «Can-Can», e a «Dança dos Tártaros», o corridinho é uma expressão temperamental deste Algarve.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — Sr. Manuel Franco Marçal.

Em 1 — D. Maria da Estrela Lopes Santos, D. Judite Coelho Entrudo, D. Olga José Dias Cruz, menina Maria João Lagoas Pereira, e os srs. Francisco Martins Entrudo Junior, Manuel Eugénio Pereira Isidro José Leiria, António Martins Matos e Daniel Nunes Marcelino.

Em 2 — D. Maria Joana Arnedo e os srs. Delfim Marcelino Nunes Valente, José António Costa, Narciso da Cruz Bento e Manuel Sebastião de Jesus.

Em 3 — D. Maria Manuela da Costa Mota e os srs. Manuel Ovídio dos Mártires Cruz e Ernestino Raimundo.

Em 4 — D. Maria Josefa Corvo Peres Freitas e Silva e os srs. Manuel Virgínio Pires, Amílcar Martins Campos e Miguel Bagarão.

Em 5 — Menino Amândio José de Neto Lopes e o sr. Tenente Adúbal António Calapez.

Em 6 — Menino João da Cruz Parra e o sr. João Rosa Martins.

Partidas e Chegadas

Com seu filhinho regressou de Lisboa, onde esteve alguns dias, a sr.ª D. Joana Marques de Campos, esposa do sr. João Higino Gonçalves de Campos, proprietário nesta cidade.

Doente

Foi submetido a uma operação cirúrgica de urgência, no hospital de Almada, o nosso particular amigo e colaborador em Lisboa, sr. Luis Sebastião Peres.

Fazemos votos pelo seu completo e rápido restabelecimento.

Rolando Juvêncio Parreira

Faleceu no dia 27 do corrente, em Lisboa, no hospital do Lumiar, onde estava internado, o sr. Rolando Juvêncio Parreira, empregado no comércio, natural de Tavira.

O falecido contava 31 anos, e deixa viúva a sr.ª D. Maria Manuela Parreira e um filhinho menor Rolando José Bernardo Parreira.

O seu funeral realizou-se em Lisboa na tarde do dia 28.

A família enlutada endereçamos sentidas pêsames.



CICLISMO

Hoje, realiza-se na pista do Ginásio uma grande prova, que se inicia pelas 15 horas e na qual tomam parte os azes do pedal José da Costa, do Belenenses, Artur Carreira, ex-sportinguista, os campeões do Algarve Virgílio Nunes (amador-junior) do Ginásio, Sérgio Páscoa (independente), do Ginásio, Valério Clara, (iniciado) do Louletano e as equipas do Ginásio de Tavira e do Louletano Desportos Clube, constituídas respectivamente por:

Ginásio de Tavira — Independentes — Jorge Corvo, Alcide Neto, João Bárbara, Inácio Ramos e Hermínio Correia. Amadores — Luís Gonçalves, Vitor Lourenço e Vitor Amaro. Iniciados — José Maria, Abílio Carrega, António Romeira, José Pedro, José Libânio, Humberto Corvo, João Bernardino e outros.

Louletano D. Clube — Amadores e Iniciados — Manuel Bezoiro, Virgílio Viegas, João de Deus, José Correia, Manuel Andrés, Floriano Quitério, Jorge Valentim, João Carlos e outros.

Transporte de pequenos volumes pelos C. de F.

Aproveite a Tarifa Especial em vigor na C.P. ao abrigo da qual pode fazer transportar economicamente e em grande velocidade para qualquer destino servido pelo caminho de ferro pequenos volumes de peso não superior a 30 kg., aos seguintes preços por volume, seja qual for o percurso:

Até 5 kg. inclusivê . . . 3\$50
De mais de 5 até 10 kg. . . 7\$00
De mais de 10 até 20 kg. . . 14\$00
De mais de 20 até 30 kg. . . 20\$00

Consulte as Secções de Informações da C.P. ou as estações.

LIMITES DA PREVIDÊNCIA

A ASSOCIAÇÃO Internacional de Segurança Social efectuou em Lisboa uma reunião, que teve a participação de representantes de vinte e cinco países e de delegados de várias organizações internacionais. A escolha da capital portuguesa para a sua realização é altamente honrosa para o nosso país, porque representa uma homenagem que não nos pode deixar insensíveis, e ainda porque os representantes das organizações internacionais e das nações que vieram até nós tiveram oportunidade de tomar contacto com o que em Portugal se tem feito em matéria de segurança social.

O próprio Ministro das Corporações — a quem principalmente se deve a vasta obra que nesse domínio vem a efectuar-se entre nós e que não teme confrontos com as realizações no mesmo sector levadas a efeito noutros países — foi dessa opinião, ao acentuar num discurso que proferiu a quando da primeira sessão de trabalhos da Associação: «Posso dizer que as reuniões agora auspiciosamente iniciadas coincidem com uma acção muito acentuada do Governo português, em ordem a uma nova estruturação e a mais vasta projecção da Presidência Social. Espera-se, na verdade, que a Câmara Corporativa se pronuncie brevemente sobre a proposta de lei respeitante à reforma da Previdência e que seja possível, logo a seguir, aplicar as inovações contidas no projectado diploma, fruto, aliás, de uma já larga experiência e de estudos intensivos».

A declaração do Dr. Veiga de Macedo fornece-nos, assim, oportunidade de verificarmos que a projecção da Previdência Social vai ser maior, quando a Assembleia se pronunciar sobre a proposta de lei elaborada pelo Ministro, e observa-se, também que continua a ser preocupação do Ministério das Corporações trabalhar no sentido de aumentar os benefícios que usufruem os trabalhadores portugueses. Contudo a amplitude da Previdência tem que ser forçosamente contida nos limites impostos tanto pelos imperativos económicos, como pelas determinações da própria doutrina que informa o Estado português. Como em Portugal, ao contrário do que acontece nos Estados totalitários, os direitos do indivíduo são sagrados e só coartados pelos deveres que tem para com a Nação e o bem comum, a Previdência nunca poderá entre nós estender-se além das fronteiras indicadas pela salvaguarda da livre iniciativa. Isso também declarou o Ministro das Corporações, no citado discurso, ao afirmar: «Certo é que temos de nos prevenir contra os perigos inerentes à tendências para a uniformização a todo o custo dos esquemas de benefícios e

Henrique Martins

Faleceu em Silves o sr. Henrique Martins, director do nosso prezado colega «Voz do Sul».

Contava 68 anos de idade e era natural do Ribatejo. Exerceu vários cargos públicos na nossa provincia, dentre eles o de presidente da Junta Geral do Distrito e da Câmara Municipal de Silves.

Deixa viúva a sr.ª D. Aurora Calapez da Silva e era pai das sr.ªs D. Ana Luisa Martins Jacinto, esposa do sr. António Correia Jacinto, gerente do Banco Nacional Ultramarino em Faro; D. Maria Aliete Martins Ramires, esposa do sr. Dr. Mário Ramirez, notário em Silves; D. Julieta Martins Nobre de Oliveira, esposa do sr. Eng. Agr. João Nobre de Oliveira, em serviço na Escola Agrícola de Coimbra; D. Aurora Martins Jacinto, esposa do sr. João Carneiro Jacinto, gerente do B.N.U. em Silves; D. Merceana Calapez Silva Martins Nobre de Oliveira, esposa do sr. Dr. Eugénio Nobre Pires de Olivença e dos srs. Dr. José Júlio Martins, advogado em Lisboa, e Major Henrique Calapez da Silva Martins.

A família enlutada e em especial ao nosso colega «Voz do Sul» endereçamos sentidas condolências.

Livros

e Revistas

Para Ti — Recebemos o n.º 82 desta simpática publicação, que tão proveitosos ensinamentos oferece às suas leitoras.

Jornal Feminino da Mulher e para a Mulher — Excelente publicação de actualidade, modas, arte, literatura, cinema, etc. Acaba de sair o seu n.º 36, referente a Maio. É sua Directora a sr.ª D. Elisa de Carvalho.

Com excelente aspecto gráfico e escolhida colaboração, conquistou a simpatia do público feminino.

da estruturação orgânica dos serviços ou instituições incumbidas de efectivar a segurança social». Na verdade, as grandes planificações são, no domínio social, indício de ideias colectivistas só próprias em Estados totalitários e não em Nações, como Portugal, onde os direitos do indivíduo são respeitados como base da vida nacional.

TAVIRA

São para ti, avó querida, estes versos dedicados a uma parcela do Algarve lindo que tanto amas

*Tavira, espelho vivo do passado!
Envolta vives em saudade eterna,
Sonhando lacrimosa, linda e terna
Com um mundo pra sempre sepultado.*

*O rio, que te abraça enamorado,
No meigo marulhar do seu volume
Cicia-te baixinho, num queixume,
A mágoa de não ser o só amado.*

*Esquece para sempre as priscas eras!
Saudades são tormentos, são ábrolhos!
Não chores mais! Enxuga os lindos olhos...
Que a vida sem piedade dilaceras.*

*As tão formosas lendas levantinas...
É tudo o que te resta do «crescente».
Orgulha-te das Terras Iberinas
Que são o orgulho máximo do Ocidente!*

*Orgulha-te do Povo que deu brado...
Que ao Mundo vidas mil sacrificou!
Que o próprio grego antigo superou,
Apesar dum indómito passado.*

*Nas vetustas muralhas, em ruínas,
Do teu castelo, onde as saudades moram,
Vê quantas páginas escritas foram
De quantas mil proezas paladinas!*

*Vê quantas caravelas não sofreram
As inclemências desse Mar sem fundo!
Vê quantos filhos teus não pereceram
Para que novos mundos visse o Mundo!*

*Tavira, diva olimpica de sonho,
Poética lusiada «Veneza»,
Alegra o teu semblante tão tristonho,
Orgulha-te da Pátria Portuguesa!*

Tavira, 23-11-58

ALBERTO AUGUSTO

RELÓGIOS

E prejuízo total a aquisição de relógio que não seja de marca garantida!

As marcas Omega, Zenith, Longines, Breitling, Tissot, Cortebert, Aureus, Sergines, Amyria, Argus, Eska, Uergines, Camy, Zinal, Record, Boxa, Lukei, Zoty, Hertig, Suly watey, White Star, Watex, Sorel, Lincoln, Ampy, Cauny, Larex, Mila, Texhinos, Lancil, Tagus, Heloisa e Olma

Encontram-se à venda na

Ourivesaria Mansinho

TAVIRA

Esta casa toma inteira responsabilidade em qualquer relógio que venda das marcas acima referidas, garantindo que os seus preços não oferecem confronto com os de outra casa, em virtude das suas compras serem efectuadas em condições vantajosas



ACTRIZ

QUANDO te vi passar nesta rua triste e solitária, senti-me oprimido. Meus olhos quiseram chamar-te, dizer bem alto teu nome; minha boca, cerrou-se, hermética, sem piedade.

Eu sabia, Maria, que tu estavas diferente, tanto, não o sabia, mas tive que dar razão ao muito que pensara de ti. Vi-te, olhei-te, e achei-te outra mulher — mais velha, talvez cansada da vida que sonhaste ser tua. Sei que foste rainha em noites claras de euforia; sei que tua boca beijou o prazer e desdenhou do amor que se arrojava a teus pés — mas não sabia, Maria, que tudo isso foi um fracasso, uma derrota moral e uma descida vertiginosa nos degraus da Vida.

Lamento, e sinto pena, de ter amado uma mulher como tu; de ter beijado como beije uma boca perversa e sem sentimen-

tos, mas peço a Deus que me perdõe o amor falso que te dediquei — porque amei apaixonadamente a rapariga que tu foste e depois senti dó e piedade na mulher que passaste a ser.

Eu sei que o irreal, é assim; que o amor hoje é bem fraco para se tornar em adoração; que o ciúme que a gente sente não passa duma farsa entenebrecida — mas nós, os actores desse drama da Vida, também erramos, podes crer, interpretamos o nosso papel tão dramaticamente, com tal sinceridade, que acabamos por o tornar em um fragmento real, e quando mentimos que não gostamos ninguém sabe o que nos vai no coração.

Tu, pobre Maria, na tua inocência de rapariga imberbe dizias que este amor foi o grande e sublime amor da tua vida. Parece-me, ainda, ouvir-te, entre lágrimas e risos, olhando-me nos olhos, ansiosa, meio duvidosa, pronunciando: «Quero-te muito: tu és o sonho, a felicidade, a minha própria luz». E eu, que até então não passara de um actor, arranquei a máscara e amei-te — amei o real que tu representavas para mim; o sonho, a felicidade, a luz que eu era para ti. Oh! Maria, se tu pudesses ver como te amei, como me arrependi da farsa que desempenhei para te possuir a boca, o prazer do teu perfume, o corpo! Como senti remorsos de ter mentido durante longas noites, para quê, se na realidade te viria a amar! É sempre assim: procuramos o prazer sem amor, amamos, sofremos, como se isso fosse a nossa estrada na Vida; depois sentimos que tudo isso — que todo esse prazer, esse sonho, essa felicidade, essa luz, — só é possível amando. E quando eu quize tornar essa falsidade, essa mentira vil e traiçoeira num amor sincero e meigo, a rua chamou-te: «Maria, Maria, vem!», e tu perdeste-te neste labirinto, chorosa, infeliz, amaldiçoando este meu amor que não soubeste compreender. Naquela última vez que te vi, confessei-to; jurei um amor puro e dedicado, mas tu não acreditaste. Julgáste impossível esta transformação, não quiseste olhar o perdão que se desprendia do meu olhar. Fizeste bem; foi a tua vingança — a vingança e abandono ao que foi o grande amor da tua vida!

Ora, quando passaste pela rua, senti dó e piedade, e remorsos da mulher tão diferente e já tão cansada que tu pareceste a meus olhos. Riste, foste feliz, gozaste a tua vida boémia, talvez para te vingares da desilusão do teu grande amor — mas afinal, perdeste a batalha.

Que te importam os sulcos profundos do meu rosto, os meus cabelos brancos, a dor que senti julgando ouvir as tuas gargalhadas nos antros da miséria, as lágrimas que chorei ao pensar que já mais encontraria em ti aquela rapa-

Continua na 2.ª Página



Pela Cidade

Teatro António Pinheiro — Espectáculos da semana:

Hoje, apresenta para maiores de 17 anos, uma comédia encantadora *Quatro Raparigas*, em cinemascope e technicolor, com George Nader e Julie Adams. Em complemento, Jeff Chandler e Jack Palance em *Sinal do Pagão*.

Quinta-feira, para maiores de 17 anos, a imortal tragédia de Shakespeare *Othello*. Em complemento, um filme emocionante que empolga e apaixonava, *Rivals no Perigo*, com John Lund e Scott Brady.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Aboim.

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

GAZETILHA

NOTA DO DIA

São vinte cinco jornadas De semanas enfiadas Pra apresentar o jornal: escrito, revisado, composto, Com etiqueta no rosto, Ao domingo, pontual.

Põe-se o Sol e nasce a Lua E na voz do Zé da Rua, Voz do povo que acompanha Na defesa, com piada, Sacudindo o pó da estrada, Limpando as teias de aranha.

Bogando ao som da maré, Saltando da proa à ré, Aprecio as cenas mudas... Manchas que o tempo desfaz, Os sorrisos de Caifás, Beijos e abraços de Judas.

Cá no meu abecedário Leio neste aniversário Mais um ano de vencida! E esqueço no rude verso Tanto projecto disperso, Tanta promessa falida!

Cá vamos nesta corrida E assim levamos a vida Sem a gente dar por tal, Nesta Redacção pacata Passam-se as bodas de prata, Com a prata do jornal.

Zé da Rua

Se se Interessa por Fotografia e Cinema de Amador

adquira sem demora o Almanaque Português de Fotografia — 1959. Centenas de fotografias a preto e branco e a cores. Um livro indispensável a amadores, profissionais e comerciantes de fotografia. Um volume encadernado com mais de 600 páginas e capa a cores Esc. 40\$00.

Artigos de Papelaria, Desenho e Escolares Compre numa casa especializada, se quer ficar bem servido.

Livraria CASA BRASIL Manuel Alexandre Rua da LIBERDADE — TAVIRA

Aniversário

do «Povo Algarvio»

Por motivo da passagem do 25.º aniversário do nosso jornal recebemos do Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular, um amável ofício de felicitações que gostosamente transcrevemos:

Sr. Director do jornal «Povo Algarvio» — TAVIRA

Em nome do sr. Secretário Nacional de Informação, no meu próprio e dos funcionários desta Repartição, tenho a honra de felicitar e cumprimentar V. pela passagem, em 27 do corrente, do aniversário do jornal da sua mui digna direcção, fazendo votos pelas suas prosperidades e longa vida ao serviço dos superiores interesses do País.

O Chefe da Repartição

(a) TAVARES DE ALMEIDA

Também do ilustre Director da Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás, da Figueira da Foz, recebemos o seguinte ofício:

Muito nos apraz vir saudar V., e bem assim todos os seus colaboradores, ao festejar o excelente jornal da sua criteriosa direcção, a passagem de mais um ano de prestimosa vida.

Que «Povo Algarvio» continue, por largos e venturosos anos, ao serviço dessa formosa cidade, honrando o País e a Imprensa, são os meus sinceros votos.

(a) ANTÓNIO VICTOR GUERRA

Também pelo mesmo motivo recebemos cumprimentos de outras entidades e do nosso colaborador sr. Luís Sebastião Peres.

Para todos vão os nossos melhores agradecimentos.

A Agência de Viagens Rodarte

e o turismo algarvio

A Agência de Viagens Rodarte, em colaboração com a empresa Isidoro Duarte, Lda. de Lisboa, no seu negócio de exploração turística, resolveu organizar uma excursão ao Algarve.

Intitulou o referido passeio de «Algarve em 3 dias», cujo roteiro, que hoje nos veio parar à mão, com uma chaminé e flores de amendoeira pintadas na capa, para chamariz, ao referir-se à nossa terra diz o seguinte:

Tavira — (pequena paragem) É uma pequena cidade adormecida à margem do Rio Gilão. É triste e pouco movimentada.

Ou há má fé de quem redigiu o panfleto de propaganda ou então, o que é mais natural, absoluta ignorância das belezas turísticas da cidade.

Ora vamos lá ensinar a Agência Rodarte e a Empresa Isidoro Duarte a redigir o seu futuro cartaz turístico:

Tavira — (grande paragem) Uma das mais lindas cidades algarvias, atravessada ao meio pelo Rio Gilão, sobre o qual assenta uma ponte romana de sete arcos. Cidade turística conhecida pela Veneza Algarvia. Além de outros tem os seguintes pontos turísticos dignos de serem visitados: Os miradoiros da cidade, altos de Santa Maria, S. Brás e Santa Ana; Vale da Asseca, Moinhos da Rocha, Pego do Inferno, Mata da Conceição, etc. etc. Monumentos: Trânsito de St.º António, Igreja de Santa Maria do Castelo, onde estão os túmulos dos conquistadores da cidade: D. Paio Peres Correia e os 7 cavaleiros; Igrejas da Misericórdia, do Carmo e de S. Paulo, etc. etc.

A propósito do referido cartaz, o sr. presidente da Câmara enviou um ofício à Empresa Isidoro Duarte, Lda., lamentando as referências feitas a Tavira.

Pela Imprensa

«Semana Médica»

Começou a publicar-se, em Lisboa, um novo jornal hebdomadário «Semana Médica», que, como o seu nome indica, se destina à classe médica — aos médicos e a todos os seus colaboradores e auxiliares, enfermeiros, estudantes, etc..

Dirige o novo jornal o sr. Dr. Almerindo Lessa, director dos Serviços de Sangue dos Hospitais Cívicos de Lisboa e do Ultramar, e dos seus conselhos cultural e redactorial fazem parte vários professores universitários e médicos de Lisboa, Porto, Coimbra, do Ultramar, Brasil e outros países.

«Semana Médica» insere trabalhos científicos originais, artigos sobre assuntos de medicina, assistência e enfermagem, selecções da imprensa médica, páginas do ultramar e do estrangeiro, crítica de livros médicos, relatos das agremiações científicas, geográficas, noticiário da vida médica no país e no estrangeiro, curiosidades, etc..

Senhores Automobilistas:

A C. P. tem em vigor uma Tarifa concedendo facilidades no transporte de automóveis em condições de pronta utilização, o que dispensa os Senhores automobilistas do pesadelo de longos percursos ao volante de seus carros.

Informe-se nas estações ferroviárias ou no Serviço Comercial e do Tráfego em Lisboa (Santa Apolónia) ou ainda pelo telefone n.º 864181.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Poupe dinheiro!

Compre um **BMW 600**



MAIS BARATO DO QUE ANDAR A PÉ

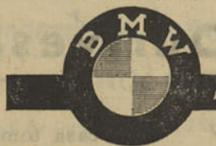
Já pensou deitar contas à vida? Verifique estas e concluirá que andar a pé não é negócio!

Um indivíduo anda em média 5 quilómetros por dia; ao fim de 6 meses terá andado, portanto, 900 quilómetros.

Entretanto a despesa diária média em transportes, cifra-se em 3 escudos; em seis meses, essa despesa elevar-se-á para 540 escudos, mais 60 para um novo arranjo de sapatos. Assim, o indivíduo que anda a pé, e que não evita o transporte público, gasta uma média de 600 escudos em 6 meses, para percorrer 900 quilómetros.

Esses mesmos 900 quilómetros, percorridos num BMW 600, custam em gasolina — 202\$50!

Garantido pelo Distritivo "Azul e branco"



AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3 A LISBOA

REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO

Agente no Algarve: Faia Lampreia, Lda. — Largo do Mercado — Faro